

## Indústria brasileira acumula perda de 5,8% no ano

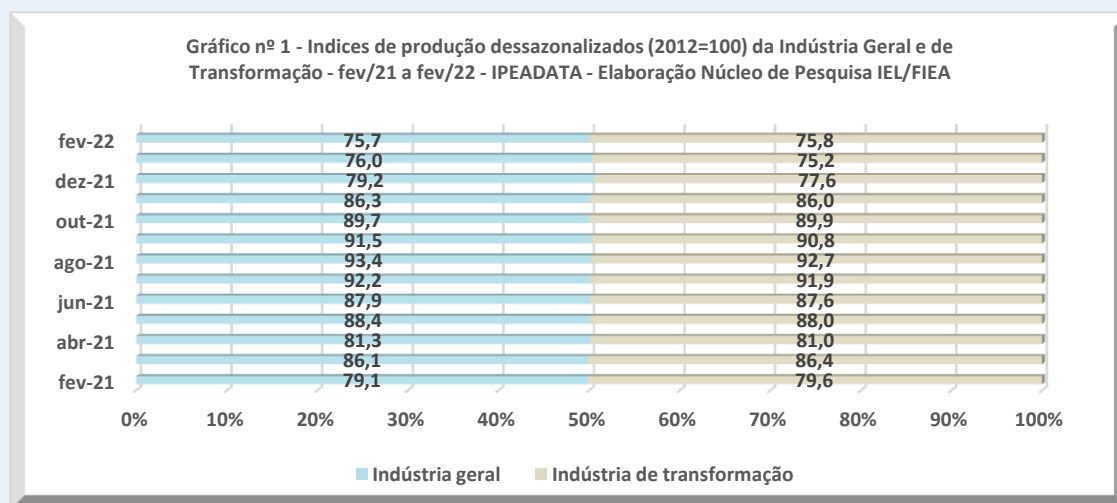
A indústria brasileira perdeu dinamismo nos últimos seis meses, como pode ser observado no gráfico nº 1, tanto no caso da indústria como um todo como na de transformação. Na comparação com igual período do ano anterior as perdas foram de 4,3% e 4,8%, respectivamente. Na mesma métrica para os casos das indústrias de bens de capital, intermediários, consumo duráveis e não duráveis as retrações também foram pronunciadas, ou seja, 6,4%; 2,7%; 19,9% e 5,1%, respectivamente.

As razões para este desempenho insatisfatório da indústria do lado da demanda continuam as mesmas e, o que é pior, vem se agravando. Ou seja, taxa desemprego elevada, na média ficou em 13,5% em 2021, mesmo que tenha começado a apresentar uma tendência de baixa. Inflação de dois dígitos e acelerando, em março atingiu o patamar de 11,3% em doze meses contra 10,54% em fevereiro, compromete o poder de compra das famílias e sua capacidade de adquirir bens de consumo semi e não duráveis. Em fevereiro de 2022 o rendimento médio real de todos os trabalhadores encontrava-se 7,4% abaixo do seu valor antes da Pandemia da COVID19 e - 8,3% na comparação com igual

período em 2021. Juros altos e com tendência de alta combinados com famílias endividadadas afetam diretamente a demanda por bens de consumo duráveis. As famílias ao longo do ano de 2021 atingiram níveis expressivos de endividamento. De acordo com o Banco Central do Brasil (BCB), o endividamento das famílias com o Sistema Financeiro Nacional (em relação à renda acumulada dos últimos doze meses) passou de 42% em fevereiro de 2020 para 51,94% em novembro de 2021. Todos estes fatores terminam contaminado as decisões de investimentos, aquisição de bens de capital, das empresas em função dos efeitos negativos que provocam nas expectativas dos empresários.

Do ponto de vista da oferta, a indústria vem sofrendo com os problemas de fornecimento de insumos provocados pelos efeitos da COVID19 nas cadeias de valor em nível internacional. Estes problemas tem sido agravados recentemente pelo surgimento da variante Ômicron que tem levado a China a decretar lockdowns em algumas regiões, afetando negativamente o fornecimento de componentes eletrônicos, assim como pela guerra entre a Rússia e a Ucrânia

com reflexos negativos sobre os preços das commodities de maneira geral. No seu Informe Conjuntural do primeiro trimestre de 2022, a CNI enfatiza esses choques de oferta de insumos e revisa para baixo a sua previsão para o crescimento do PIB e da indústria: "Diante de dificuldades já previstas e esses novos entraves, projetamos que o PIB do Brasil irá crescer apenas 0,9% em 2022, enquanto o PIB da Indústria deve cair 0,2%. O PIB da Indústria poderá registrar sua sétima queda anual em dez anos. Em particular, a indústria de transformação, mais afetada pelos problemas de insumos e matérias-primas e enfrentando uma demanda mais fraca, deve registrar queda no PIB de 2% neste ano". As expectativas da CNI estão um pouco acima da mediana do mercado financeiro que prevê aumento de 0,5% para o PIB e queda de 0,4% para a indústria em geral. Em síntese, a combinação de restrições tanto do lado da demanda como da oferta tem aumentado o temor dos agentes econômicos de que a economia brasileira possa entrar em um processo de estagflação (ou seja, um mix de inflação com recessão).



# IPCA de 11,3% em março surpreende Banco Central

A taxa de inflação (IPCA, no acumulado de doze meses) continua acelerando atingindo em março de 2022 o patamar de 11,3% contra 10,54% de fevereiro, surpreendendo o BCB que esperava desaceleração. No relatório Focus de 25/03/2022, que já se encontra um tanto defasado em função da greve dos servidores do BCB, a mediana das expectativas do mercado para a taxa do IPCA este ano vinha sendo revista para cima com a estimativa de 6,86% a.a, bem acima do centro da meta de 3,5%. A inflação implícita calculada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA), a partir da diferença entre os títulos públicos pré-fixados e os corrigidos pelo IPCA, alcançou recentemente o patamar de 7,13% no vértice de 252 dias úteis. A pressão provocada pela guerra entre Rússia e Ucrânia assim como os lockdowns na China tem pressionado os preços das commodities e de componentes eletrônicos, alimentado expectativas de alta da inflação e contaminado cada vez mais a taxa esperada para 2023. O mercado estima inflação para o próximo ano acima de 4% se distanciando do centro da meta de 3,25%.

A surpresa provocada pela inflação de março aumentou a aposta para selic acima de 13%a.a em 2022. O BCB sinalizou na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) que repetirá a mesma estratégia na próxima reunião elevando a taxa básica de juros de 11,75%a.a para

12,75% e encerrará o ciclo de alta. No primeiro momento houve recuo dos juros no CDI apontando para taxas abaixo de 13% em janeiro de 2023, mas a continuidade da aceleração da inflação provocou elevação da taxa para 13,25% com o mercado apostando no prolongamento do ciclo de alta dos juros básicos pelo BCB.

O cenário do BCB projetando preço do barril abaixo do US\$100/barril até o final do ano pode não se configurar uma vez que a guerra não dá sinal de que haverá um cessar fogo em breve. Atualmente a cotação do barril do Brent está em US\$ 109,0 e do WTI em US\$ 103,0. Em qualquer dos casos o aumento dos juros não terá influência sobre a cotação do petróleo, mas possivelmente poderá levar a economia brasileira à recessão.

Como enfatizado no último Panorama Conjuntural FIEA, a apreciação do real frente ao dólar de aproximadamente 20% desde o início do ano, em função da maior entrada de capitais na economia brasileira (atraídas pela valorização das ações de commodities na bolsa brasileira e pelo elevado diferencial dos juros internos em relação as taxas externas), contribui, de um lado, para amenizar os efeitos do aumento das commodities em nível internacional sobre o IPCA, mas a taxa de juros que tem possibilitado esses ganhos de arbitragem tem um efeito bastante negativo sobre as contas públicas (efeito serviço da dívida: o mercado estima pagamento na ordem de R\$ 700bi este ano) como sobre o nível de

atividade econômica ao desequilibrar financeiramente os balanços das famílias e das empresas.

O Monitor de Juros do FED (Banco Central Americano) tem sinalizado com 87% de probabilidade que na próxima reunião de 4/05/2022 a taxa será aumentada em 0,5% e não em 0,25%. A aceleração é esperada porque a inflação americana também está aumentando em ritmo forte atingindo o patamar de 8,5% em março, maior alta em 41 anos. Lá, diferentemente do caso brasileiro, a inflação decorre dos choques de oferta como do aquecimento da economia. Além do aumento dos juros americanos poder levar a uma apreciação do dólar frente às demais moedas, como o Real, a depender de se o FED conseguirá operar um “pouso suave” ou não da economia americana há o risco de recessão em sua economia com consequências globais.

A eficácia duvidosa dos efeitos dos juros para combater inflação provocada por choques de oferta coloca em perspectiva como o BCB se comportará ante o seguinte dilema: arriscar sacrificar o modesto crescimento esperado para este ano, algo entre 0,5% e 1% no cenário mais otimista, para tentar colocar a inflação no centro da meta em 2023 - de 3,25% - ou postergar o objetivo de atingir o centro da meta para 2024 e focar na ainda elevada taxa de desemprego média da economia brasileira.

## A produção Industrial Brasileira em fevereiro de 2022

A indústria brasileira em fevereiro de 2022 registrou aumento de 0,7% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2021 a produção industrial caiu 4,3, dando continuidade à dinâmica de retração exibida em janeiro quando recuou 7,2% (na mesma métrica). Na avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “em comparação com um ano atrás, há ainda menos dúvida sobre a

involução recente. Segue sendo difícil crescer. Já são sete meses consecutivos de declínio, isto é, desde quando se esgotou o efeito estatístico favorável derivado de bases baixas de comparação. A queda de fev/22 ante fev/21 foi de -4,3%, produzida por perdas na produção de todos os macrossetores industriais. No primeiro bimestre do ano, o resultado é de -5,8%.”

Ainda segundo o IEDI, “em fev/22, a utilização da capacidade instalada da

indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, recuou de 80,7% no mês anterior para 79,9%. Assim, mesmo que por pouco, manteve-se acima da média histórica anterior à Covid-19 (79,5%), mas abaixo do patamar imediatamente anterior à crise de 2014-2016, que era de 82,6% no 1º trim./14. Em mar/22 este indicador voltou para 80,2%.”

## Variações da Produção Industrial - Fevereiro 2022 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,7	-4,3	-5,8	2,8
Bens de capital	1,9	-5,0	-6,5	23,4
Bens intermediários	1,6	-2,6	-3,8	2,4
Bens de consumo	0,3	-7,7	-9,8	-1,2
Bens de consumo duráveis	0,5	-17,6	-21,6	-0,7
Semiduráveis e não duráveis	1,5	-4,9	-6,7	-1,3
Extrativa Mineral	5,3	0,9	-3,2	1,0
Transformação	0,6	-4,9	-6,1	3,0

Fonte: IBGE.

### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

#### PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

#### 1º VICE PRESIDENTE

José da Silva Nogueira Filho

#### DIRETOR EXECUTIVO

Walter Luiz Jucá Sá

#### GERENTE UNITEC

Helvio Braga Vilas Boas

### INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

#### DIRETOR REGIONAL

José Carlos Lyra de Andrade

#### SUPERINTENDENTE

Helvio Braga Vilas Boas

#### COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA

Eliana Maria de Oliveira Sá

#### ELABORAÇÃO

Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

### EQUIPE TÉCNICA

Eliana Maria de Oliveira Sá

#### CONSULTORES

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

#### ESTAGIÁRIOS

Luana Santos Leite

**CONTATO: (82) 2121-3085**